



# DINAMISMOS SOCIOECONÔMICOS DIFERENCIADOS: ANÁLISE COMPARATIVA DOS MUNICÍPIOS DA MESORREGIÃO OESTE PARANAENSE E DO ESTADO DO PARANÁ ENTRE 2000 E 2015

Lucir Reinaldo Alves

Cristiane Prado Benevenuto Rodrigues

**Resumo:** Este artigo analisa comparativamente os dinamismos microrregionais do Estado do Paraná com os dos municípios do Oeste Paranaense, identificando as características socioeconômicas, nos diferentes quinquênios entre 2000 e 2015, e como estas refletiram na geração e multiplicação de empregos para outros setores da economia destas microrregiões e municípios. Utilizou-se dados secundários sobre população e emprego e, com isso, calculou-se o multiplicador de emprego e o *shift-share*. Com isso, pode-se medir a sensibilidade local perante os impactos de determinadas medidas endógenas e/ou exógenas nas economias regionais. Os resultados mostraram que ocorreram diferenças significativas nas dinâmicas socioeconômicas apresentadas pelos três quinquênios analisados e isso refletiu-se de forma distinta na geração e multiplicação dos empregos nestas regiões e municípios. Foi possível constatar que houve uma relação entre as dinâmicas socioeconômicas das microrregiões do Paraná e dos municípios do Oeste do Paraná, com o impulsionamento dos setores exportadores destas regiões. A Microrregião de Curitiba e o município de Cascavel se mostraram como mais diversificados e dinâmicos, ressaltando a característica de que quanto mais diversificado for uma região mais dinâmica ela tende a ser e aproveitar melhor as suas características locais e exógenas.

**Palavras-Chave:** Economia regional. Paraná. Planejamento regional e urbano. Dinamismo econômico regional. Desenvolvimento Regional.



## Introdução

Analisar dinâmismos socioeconômicos regionais é levar em consideração os fatores que mais influenciam nesse processo. No geral, a dinâmica de uma região e suas repercussões na estrutura socioeconômica local refletem os resultados das escolhas dos gestores públicos locais que foram adotadas ao longo do tempo em relação ao tipo de desenvolvimento regional e local a ser seguido. Para além disso, os aspectos locais, diferenciais e endógenos, e os aspectos não locais, estruturais e exógenos, também influenciam sobremaneira a dinâmica regional, conforme destacam Piacenti, Ferrera de Lima & Eberhardt (2016).

Ferrera de Lima (2016) sintetiza esses elementos afirmando que os aspectos locais/endógenos podem ser: I) os aspectos geográficos e as condições físicas para a transformação e acesso aos recursos naturais; II) As condições físicas e geográficas para a localização dos assentamentos humanos; III) o efeito das condições físicas e geográficos sobre os custos de instalação e transporte; e, IV) as condições locais para gerar conhecimento, impulsionar a criação de inovações ou fortalecer a capacidade institucional e de associativismo das comunidades. Sabe-se que outros elementos, como a disponibilidade de mão de obra (e seus diferentes níveis de qualificação), a disponibilidade de recursos naturais e de infraestruturas, também possuem importância nas diferentes etapas de produção, distribuição e circulação econômica. Esses aspectos são levados em consideração quando da escolha da localização espacial das empresas, pois influenciam diretamente na sua competitividade e geração de excedentes. Quanto mais uma região ofertar esse conjunto de elementos, mais atrativa ela será, e mais dinâmica ela tenderá a ser.

Para além dos fatores endógenos mencionados também são muito importantes os fatores não locais, os exógenos, pois influenciam diretamente o dinamismo socioeconômico regional. Um exemplo, é quando as regiões optam por acompanhar as transformações produtivas dos polos, ignorando seus aspectos endógenos como perfil de desenvolvimento regional e modificando sua especialização produtiva a fim de complementar e dar suporte ao dinamismo da região/cidade polarizadora. O dinamismo local pode ser igualmente positivo, com taxas de crescimento socioeconômico na mesma proporção que as economias regionais centrais, mais avançadas. Outra forma de influência externa é aquela derivada da intervenção política dos diferentes níveis de governo, que surgem como estratégia de desenvolvimento, com o objetivo de melhorar o perfil do desenvolvimento socioeconômico regional. Através dessas intervenções pode-se melhorar a infraestrutura de apoio ao processo produtivo, atrair



mais população para a região, melhorar a qualificação do emprego e qualidade de vida da população. Dessa forma, a região se torna mais atrativa (ou com repulsão) para novos investimentos de origem local ou não (FERRERA DE LIMA, 2016).

É no conjunto de elementos endógenos e exógenos que as regiões se tornam diferentes entre si. Alves (2016a, 2016b) ratifica que essa heterogeneidade irá gerar dinamismos socioeconômicos distintos, e refletir nos tamanhos, funções, posições espaciais relativas, e hierarquias urbanas distintas, etc. E essas características mudam e se transformam, pela interação entre a aglomeração geográfica dos setores e da divisão social do trabalho no espaço e no tempo. Ou seja, analisar dinamismos socioeconômicos não é uma tarefa simples.

É neste contexto, que se analisa a socioeconomia do estado do Paraná. Após 2000 a economia paranaense apresentou um dinamismo socioeconômico bastante instigante. Quando se analisa o período de 2000 a 2015, a população paranaense apresentou aumento de 16,7%, mas uma análise microrregional mostrou que não houve crescimento em todas as regiões, de forma que as variações microrregionais ficaram entre 32,1% e -12,1%, ou seja, o crescimento populacional foi desequilibrado espacialmente. Por outro lado, neste mesmo período, o número de empregados no Paraná variou em 88,3%, sendo que em todas as microrregiões observou-se crescimento, que ficou entre 176,6% a 52,0% (IPARDES, 2019).

Quando se analisa com mais detalhes o Oeste Paranaense, se encontra a mesma tendência, ou seja, não houve relação direta entre a dinâmica populacional e a dinâmica do emprego no período compreendido entre os anos 2000 e 2015. O crescimento percentual da população foi de 13,7%, enquanto que o de emprego foi de 130,9%, sendo que, da mesma forma como ocorreu no Estado, municípios que apresentaram declínio populacional, obtiveram crescimento de emprego bastante significativo, conforme detalham Rodrigues & Alves (2017a; 2017b).

No caso do Oeste Paranaense os setores terciários se consolidaram como os maiores empregadores, responsáveis por mais da metade da geração de empregos da Mesorregião. Contudo, entre o primeiro e o último períodos analisados, o setor de serviços perdeu participação relativa na estrutura produtiva mesorregional (de 71,5% para 67,7%), com o setor industrial aumentando sua participação (de 23,9% para 28,5%). O contrário ocorreu quando se verifica o caso paranaense: houve um crescimento do setor terciário, que já em 2000 representava mais de 2/3 dos empregos totais, tendo ampliado ainda mais sua participação para a formação do quadro empregatício estadual (de 68,4% para 70,5%). Tal variação pode ser explicada, principalmente, pela redução da participação da agropecuária (de 5,4% para



3,5%) na formação do total de empregos do Estado, já que o setor industrial manteve sua participação praticamente inalterada (26,2% para 26,0%).

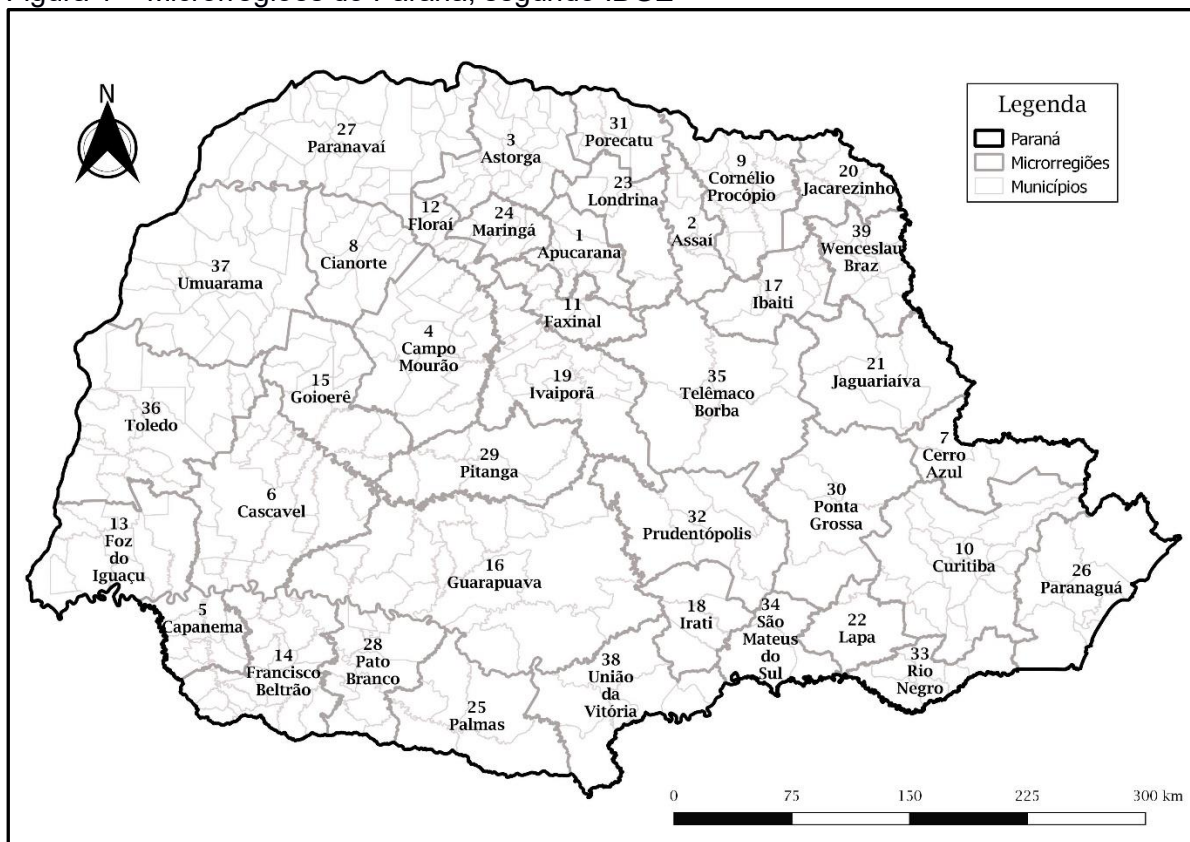
Todavia, o que fica evidente nas análises da mesorregião Oeste Paranaense, assim como para o Paraná como um todo, é o fato de que o período mais dinâmico nas transformações espaciais e estruturais foi o primeiro quinquênio analisado – 2000/2005 –, tanto para a população como para o emprego. Esta é uma característica peculiar (RODRIGUES & ALVES, 2017a; 2017b).

Assim, o objetivo deste artigo é analisar comparativamente os dinamismos microrregionais do Estado do Paraná com os dos municípios do Oeste Paranaense, identificando as características socioeconômicas, nos diferentes quinquênios, e como estas refletiram na geração e multiplicação de empregos para outros setores da economia destas microrregiões e municípios.

## 2. Elementos Metodologia

Este artigo foi elaborado em, pelo menos, cinco etapas principais. A **primeira etapa**, de caráter teórico e conceptual, a partir de uma revisão de literatura sobre o tema, que fundamentou as análises a respeito das características que influenciam no dinamismo econômico e regional no processo de desenvolvimento regional. A **segunda etapa** foi de coleta de dados secundários, do emprego formal, obtidos da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) do MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). Os dados foram utilizados para caracterizar o perfil de especialização dos empregos, visando identificar a estrutura produtiva das microrregiões do Paraná e dos municípios integrantes da Mesorregião Oeste Paranaense. Os períodos analisados foram os quinquênios de 2000/2005, 2005/2010 e 2010/2015.

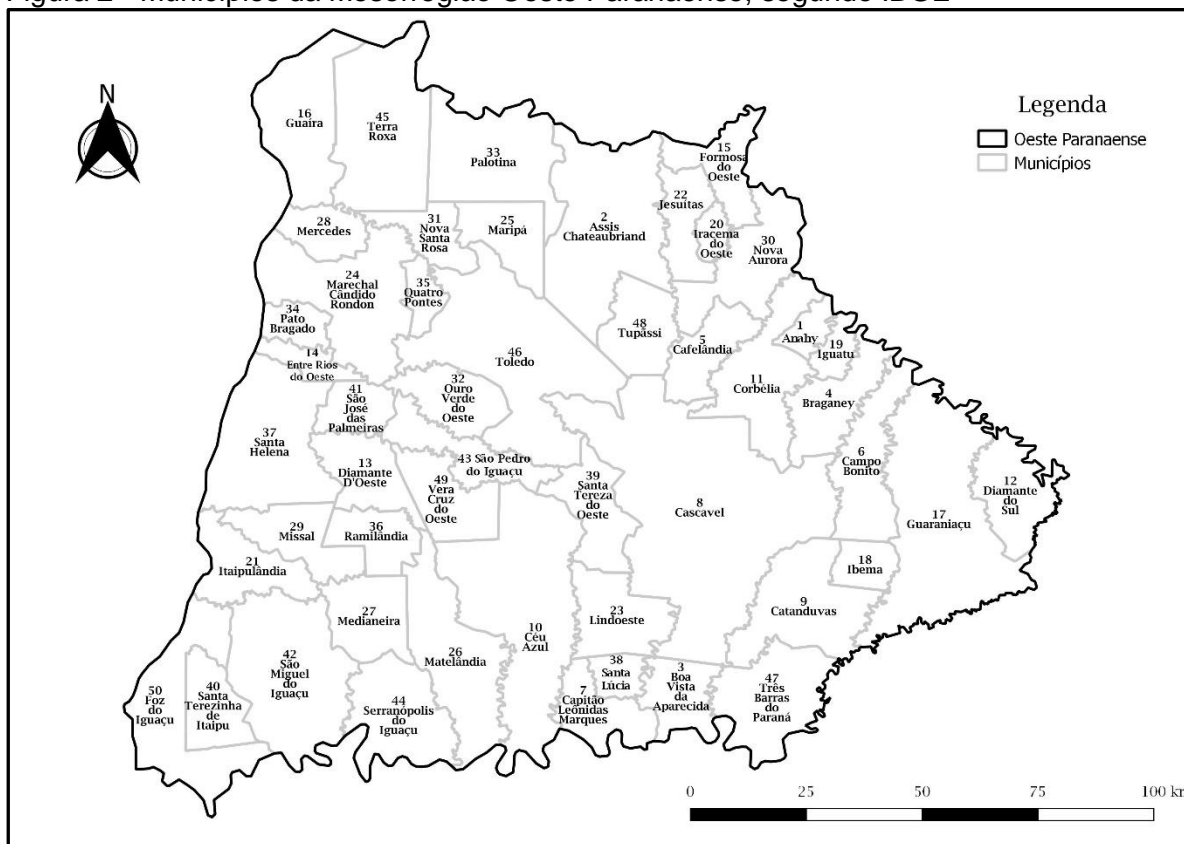
Figura 1 – Microrregiões do Paraná, segundo IBGE



Fonte: Elaboração dos autores.

O Paraná é formado por 39 microrregiões, conforme detalha a Figura 1. A Mesorregião Oeste Paranaense, que agrega as microrregiões de Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, é desagregada em 50 municípios, como ilustrado na Figura 2.

Figura 2 - Municípios da Mesorregião Oeste Paranaense, segundo IBGE



Fonte: Elaboração dos autores.

Após a coleta de dados, na **terceira etapa** houve a organização do banco de dados. Os dados secundários foram agregados segundo a classificação avançada conjunta da OECD/Eurostat (EUROSTAT, 2009 e 2013), em que os subsetores são classificados por graus de intensidade de tecnologia e conhecimento utilizados nos processos. Um resumo sobre esta classificação pode ser visualizado pelo Quadro 1.

Seguida à organização do banco de dados, foi iniciada a **quarta etapa**, que compreendeu o cálculo do multiplicador de empregos básicos. Os resultados deste indicador refletem o impacto das atividades de um determinado setor na economia da região analisada. Para facilitar a compreensão, destaca-se que são consideradas como regiões analisadas tanto as microrregiões paranaenses quanto os municípios integrantes da Mesorregião Oeste Paranaense.



Quadro 1 – Divisão setorial por intensidade de tecnologia e conhecimento

Setor	Grande subsetor	Subsetores incluídos
Setor Primário	Agropecuária	Agricultura, pecuária, caça e serviços relacionados; produção florestal; pesca e aquicultura.
Setor Secundário	Indústrias Extrativas	Extração de carvão mineral, de petróleo e gás natural, de minerais metálicos, de minerais não metálicos, e atividades de apoio à extração de minerais.
	Indústria da Construção Civil	Construção e incorporação de edifícios; obras de infraestrutura, e serviços especializados para construção.
	SIUP – Serviços Industriais de Utilidade Pública	Eletricidade e gás; e água, esgoto, e atividades de gestão de resíduos e descontaminação.
	IAT – Indústrias de Alta Tecnologia	Fabricação de produtos farmacêuticos; Fabricação de máquinas de escritório e de equipamento para o tratamento automático da informação; Fabricação de equipamento e de aparelhos de rádio, televisão e comunicação; Fabricação de aparelhos e instrumentos médico-cirúrgicos, ortopédicos, de precisão, de ótica e de relojoaria; Fabricação de aeronaves e veículos espaciais.
	IMAT – Indústrias de Média-Alta Tecnologia	Fabricação de produtos químicos; fabricação de máquinas e equipamentos; fabricação de aparelhos elétricos; fabricação de veículos automotores, reboques e semirreboques; fabricação de outro material de transporte.
	IMBT – Indústrias de Média-Baixa Tecnologia	Fabricação de coque, produtos petrolíferos refinados e tratamento de combustível nuclear; fabricação de artigos de borracha e de matérias plásticas; fabricação de outros produtos minerais não metálicos; indústria metalúrgica de base; fabricação de produtos metálicos; construção e reparação naval.
	IBT – Indústrias de Baixa Tecnologia	Indústrias alimentares e das bebidas; indústria do tabaco; fabricação de têxteis; indústria do vestuário, preparação, tingimento e fabricação de artigos e pele com pelo; curtimento e acabamento de peles sem pelo e de calçados; indústrias da madeira e da cortiça e suas obras, exceto mobiliário; fabricação de pasta, papel e cartão e seus artigos; edição, impressão e reprodução de suportes de informação gravados; fabricação de mobiliário; outras indústrias transformadoras; reciclagem.
Setor Terciário	SICAT – Serviços Intensivos em Conhecimento e Alta Tecnologia	Correios e telecomunicações; atividades informáticas e conexas; investigação e desenvolvimento.
	SIC – Serviços Intensivos em Conhecimento	Transporte por água; transportes aéreos; intermediação financeira; seguros, fundos de pensões e de outras atividades complementares de segurança social; atividades auxiliares de intermediação financeira; atividades imobiliárias; aluguel de máquinas e de equipamentos sem pessoal e de bens pessoais e domésticos; outras atividades de serviços prestados principalmente as empresas; educação; saúde e ação social; atividades recreativas, culturais e desportivas.
	SPIC – Serviços Pouco Intensivos em Conhecimento	Comércio, manutenção e reparação de veículos, automóveis e motocicletas; comércio e retalho de combustíveis para veículos; comércio por grosso e agentes do comércio, exceto de veículos, automóveis e monociclos; comércio a retalho; reparação de bens pessoais e domésticos; alojamento e alimentação; transportes terrestres; transportes por oleodutos ou gasodutos; atividades anexas e auxiliares dos transportes; agências de viagens de turismo; administração pública, defesa e segurança social obrigatória; saneamento, higiene pública e atividades similares; atividades associativas diversas; outras atividades de serviços; empregados domésticos; organismos internacionais e outras instituições extraterritoriais.

Fonte: OECD/Eurostat (EUROSTAT, 2009 e 2013)

Uma das grandes preocupações dos estudiosos em economia regional é medir a sensibilidade da demanda dos produtos locais perante os impactos que determinadas medidas exógenas/endógenas provocam nessas economias. Dessa maneira, recorre-se ao conceito do multiplicador e, em particular, ao do multiplicador de emprego básico, ou seja,



relacionados aos setores de maior especialização. Estes setores altamente especializados são considerados setores exportadores e impulsionadores da economia regional.

Conforme detalha Alves (2012) para possibilitar a identificação dos setores de maior especialização, recorre-se ao cálculo do quociente locacional (QL):

$$QL_i = \frac{\frac{E_i}{E}}{\frac{N_i}{N}}$$

Sendo:  $QL_i$  = quociente locacional do setor  $i$ ;  $E_i$  = emprego regional do setor  $i$ ;  $E$  = emprego regional total;  $N_i$  = emprego do setor  $i$  na região de referência;  $N$  = emprego total na região de referência.

Para que uma atividade seja considerada especializada, o QL deve apresentar valores maiores do que 1 (um). Esse resultado indica que o setor emprega mão de obra que excede às necessidades de produção para o consumo local, sendo assim considerado um setor exportador.

Após a identificação dos setores especializados da economia, realiza-se o cálculo do emprego básico setorial:

$$EB_i = E_i - E \left( \frac{N_i}{N} \right)$$

Sendo:  $EB_i$  = emprego básico regional do setor  $i$ .

Em seguida, procede-se ao cálculo do emprego básico total da região analisada:

$$EB = \sum_i EB_i, \forall i: QL_i > 1$$

Sendo:  $EB$  = emprego básico regional total.

Ou seja, o emprego básico total da região analisada ( $EB$ ) será o somatório dos empregos básicos dos setores cujos  $QL_i$  tenham apresentado resultados maiores do que 1 (um).

As etapas descritas anteriormente são fundamentais para a realização do cálculo do multiplicador de empregos básicos. Como o objetivo proposto é avaliar impactos das





atividades de um determinado setor na economia da região analisada entre dois períodos distintos, será utilizado o multiplicador pela variação do emprego básico:

$$K = \frac{1}{1 - \frac{\Delta EL}{\Delta E}}$$

Em que:

$$EL = E - EB$$

Sendo: K = multiplicador do emprego básico regional; EL = emprego local regional total.

Assim, pode-se interpretar os resultados do multiplicador do emprego básico (MEB) regional considerando que: quanto maior o acréscimo do emprego local induzido pelo crescimento do emprego básico, menor será o nível total de fugas econômicas para o exterior da região e, logo, maior será o valor do multiplicador. Ou seja, quanto maior for a capacidade de criação de empregos do setor básico sobre o setor local, isto é, quanto maior for a propensão marginal à criação de empregos endógenos ( $\Delta EL/\Delta E$ ), maiores serão os efeitos multiplicadores, conforme detalham North (1955) e Piffer (2012).

Com o intuito de proporcionar uma melhor interpretação dos dados, os resultados do MEB regional foram agrupados considerando seis categorias:

- **Negativo:** quando houver diminuição, em número absoluto, do emprego básico, mesmo com ampliação do emprego total;
- **Baixo:** quando os resultados apresentados estiverem entre 0 (zero) e 2,5;
- **Médio Baixo:** resultados entre 2,5 e 4,0;
- **Médio:** resultados entre 4,0 e 5,5;
- **Médio Alto:** resultados entre 5,5 e 7,0;
- **Alto:** resultados do multiplicador acima de 7,0.

Para aperfeiçoar a análise, os dados obtidos com o MEB serão comparados ao Método Estrutural-Diferencial (*Shift-Share*), conforme proposta de adequação do modelo realizada por Rodrigues & Alves (2018).

Por fim, a **quinta etapa** será de análise espacial dos resultados obtidos. Para isso, serão confeccionados mapas temáticos da distribuição do emprego nos municípios da



mesorregião Oeste Paranaense e das microrregiões do Paraná. Esse processo facilitará a visualização da distribuição do multiplicador de emprego no espaço estadual que, em escalas de cores, representará um grau de importância dos mesmos, facilitando a visualização de quais são as regiões onde o multiplicador é maior e/ou menor. Será utilizado o programa *QGIS* para a elaboração das ilustrações.

### 3. Resultados e Discussões

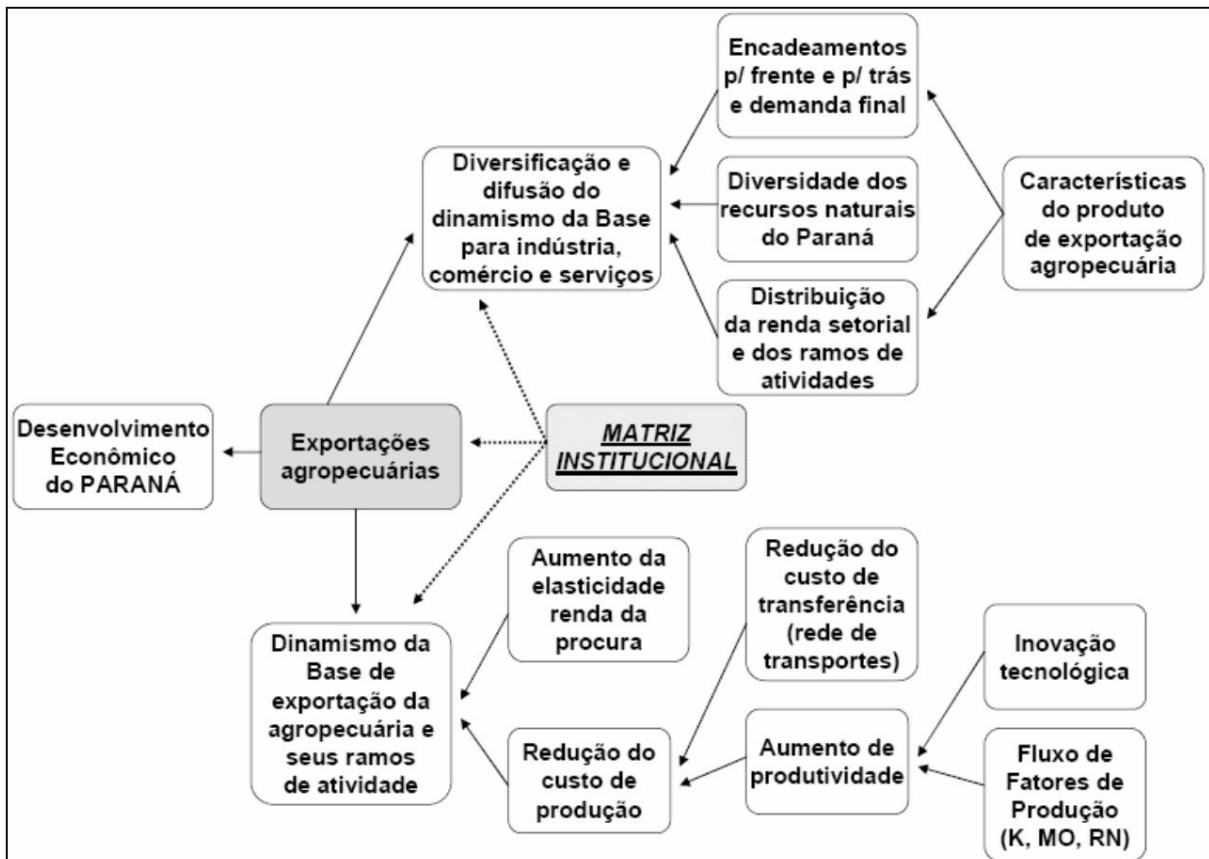
Inicialmente, deve-se ressaltar que a análise leva em considerações os aspectos positivos relacionados a influência de estruturas produtivas diversificadas, de bases de exportação e especializações também diversificadas, que tendem a influenciar os dinamismos socioeconômicos microrregionais. As regiões que permanecem ligadas a um único produto de exportação/especialização produtiva não alcançam uma expansão socioeconômica sustentada. Por outro lado, a consolidação e diversificação de especializações/bases de exportação também influenciam na diversificação do segmento produtor de bens não-básicos (voltados e dinamizados pelo mercado interno) na região. As demandas de insumos e de bens finais, associadas ao desenvolvimento regional da produção de bens básicos (de exportação) e não-básicos, devem conduzir a uma crescente diversificação da produção agropecuária, industrial e de serviços, o que irá se traduzir na diversificação e urbanização da pauta de exportação regional. Essa constatação foi defendida por North (1961).

North (1961) afirma que o caráter do setor de exportação assume importância crucial nesse processo. Nesse quesito uma dessas características mais importantes é a distribuição de renda regional. Quanto mais equitativa for a distribuição de renda e fundiária maiores serão os reflexos às demandas de bens e serviços locais. Investimentos serão induzidos e efetuados para atender essas demandas e novas atividades produtivas se desenvolverão. Melhorias na qualificação educacional e investimentos em pesquisa serão induzidos nessas áreas objetivando melhorar sua posição comparativa e diversificar a base econômica. Da mesma forma, ocorrerá uma melhoria do setor de transporte, de armazenamento, de indústrias complementares e de tecnologia. Se o setor de exportação incentivar o crescimento desses setores e se a tecnologia, os custos de transporte e as dotações de recursos regionais permitirem estes serem produzidos localmente, então uma urbanização, uma especialização diversificada e maior multiplicador de emprego serão promovidas. Ao contrário, se a região não tiver condições de produzir localmente, ela poderá importar de forma mais eficiente possível esses produtos.

As mudanças nos custos de tecnologia e de transporte podem alterar a vantagem comparativa da região. A mudança tecnológica tende a aumentar a taxa de retorno potencial da produção de outros bens e serviços, conduzindo à exploração de novos recursos e diversificando o rol de indústrias de exportação. O desenvolvimento dos transportes auxilia positivamente na diversificação produtiva e reduz os custos de transporte e, conseqüentemente, os custos de produção, aumentando a vantagem comparativa dos produtos de exportação. Assim, as mudanças na proporção de combinação de fatores, a redução de custos induzida pelos investimentos na infraestrutura e a melhoria dos padrões culturais e profissionais, conduzem a uma diversificação ainda maior e à capacidade de expandir em outras atividades econômicas.

Uma síntese sobre a teoria de North (1961) e uma analogia ao caso da socioeconomia paranaense até 2000 podem ser visualizadas na Figura 3.

Figura 3 - Fatores que Condiçnaram o Estado do Paraná a crescer a partir da Agropecuária como Atividade Básica



Fonte: Piffer (2009).

Piffer (2009) afirma que o desenvolvimento socioeconômico regional no Paraná até



2000 foi impulsionado a partir da base de exportação agropecuária, ou seja, o primeiro setor básico da economia paraense. A manutenção do dinamismo desse setor de exportação foi influenciada pela melhoria da rede rododiferroviária e portuária e da inovação tecnológica com os seus reflexos na agropecuária e na indústria, aumentando a produtividade e a rentabilidade dos fatores de produção na economia paranaense, diminuindo os custos de produção. Com isso, foi possível ocorrer a difusão e diversificação da de exportação para outros setores fortalecida por uma matriz institucional.

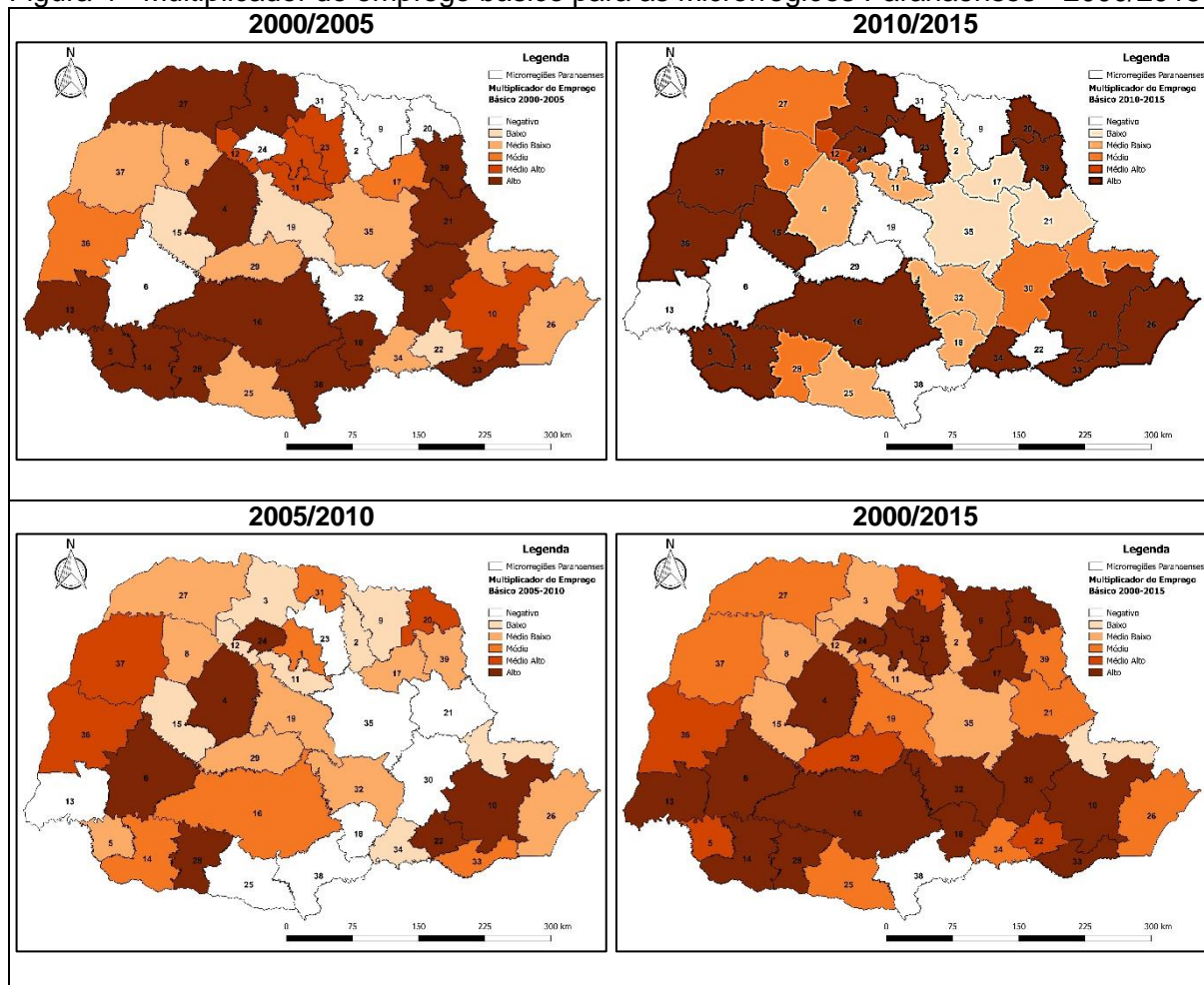
Nesse processo, as atividades básicas multiplicam empregos no conjunto da economia regional, gera-se mais renda na forma de salários e mais demanda por bens e por serviços ofertados localmente. Gerou-se então efeitos de encadeamento para trás (indústria de insumos e de bens de capital) e para frente (indústria de bens intermediários, comércio e serviços, etc.) e na demanda final (demanda interna e externa). Esses encadeamentos repercutiram no perfil da renda no território paranaense, auxiliando no fortalecimento das atividades não-básicas, que se refletiram na diversificação e na difusão do dinamismo da base para outros setores (PIFFER, 2009).

Ao analisar os resultados sobre a dinâmica do emprego entre as microrregiões que compõem o Paraná e os municípios que integram o Oeste Paranaense entre 2000 e 2015, é possível estabelecer as semelhanças e diferenças regionais que caracterizam, de forma bastante significativa, a economia do Estado.

A análise das bases econômicas das regiões estudadas mostrará, segundo suas especializações, quais setores formam a base de exportação e a de provimento local conforme metodologia específica do multiplicador de empregos. O multiplicador do emprego básico (MEB), aplicado sobre a variação do emprego, apresenta a dinâmica dos setores produtivos diante das conjunturas econômicas e da reação da demanda local diante dos impactos econômicos gerados pelos setores de exportação.

A análise será iniciada pelas microrregiões do Estado. A Figura 4 apresenta os resultados do MEB das microrregiões para os três quinquênios e, também, para o total do período analisado.

Figura 4 - Multiplicador do emprego básico para as Microrregiões Paraenses - 2000/2015



Fonte: Elaboração dos autores.

Segundo a Figura 4 é possível constatar que o primeiro quinquênio (2000-2005) foi o de maior concentração de microrregiões que apresentaram o MEB com resultados superiores a 5,5 (Médio Alto e Alto multiplicador), contando com 19 microrregiões nesta situação, ou 48,7%. Também visualiza-se um efeito do MEB positivo para 38 das 39 microrregiões do Estado quando analisado o período total (de 2000 a 2015), com 22 microrregiões apresentando um MEB superior 5,5. Isso significa que cada vínculo empregatício em setores básicos (exportadores) foi responsável pela criação de, pelo menos, 5,5 postos de trabalho nos setores da economia local.

Contudo, uma análise realizada para os quinquênios mostra uma realidade distinta, com inúmeras microrregiões perdendo empregos básicos ao longo dos períodos.

A Microrregião de União da Vitória é um exemplo da perda de empregos dos setores

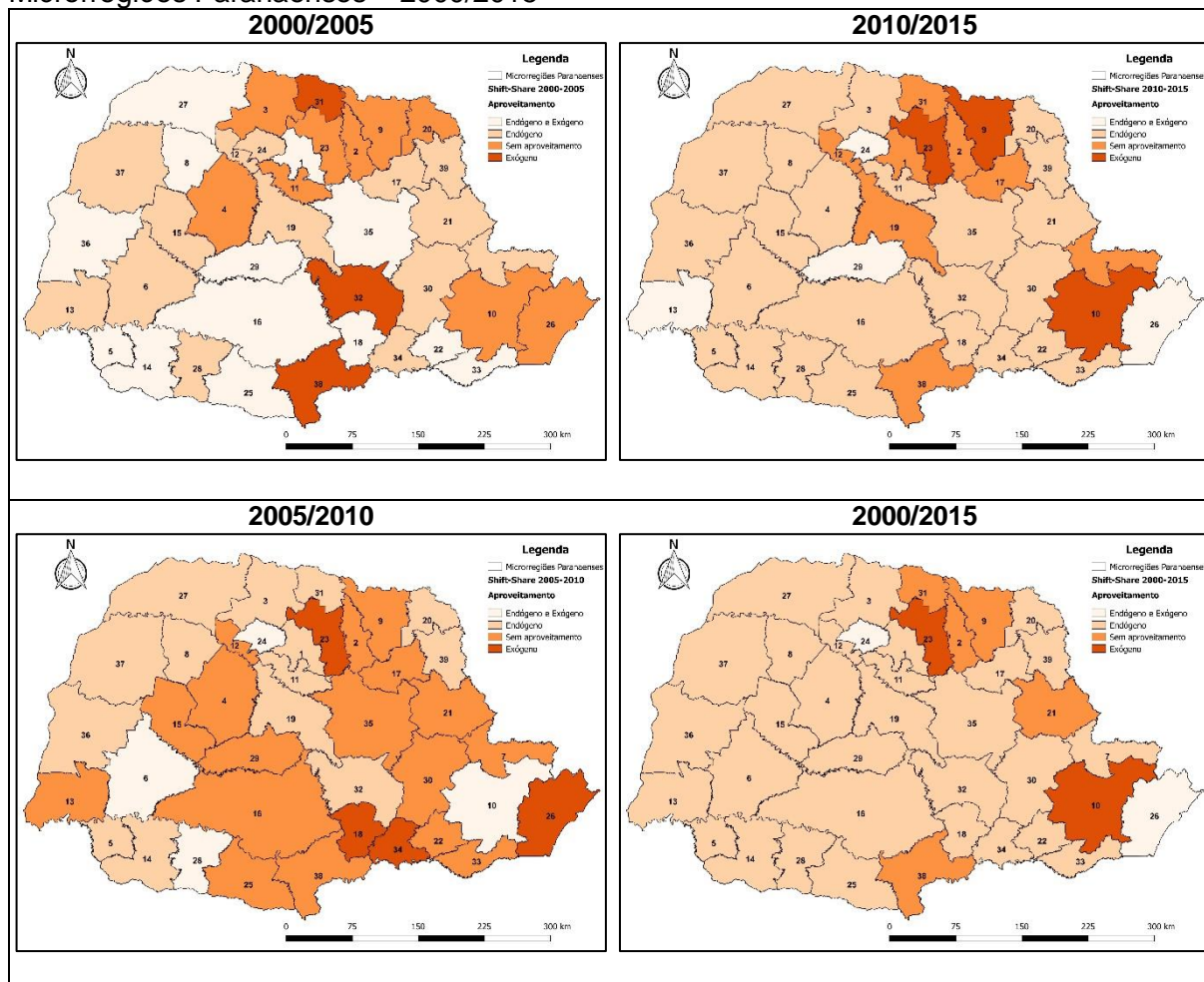


básicos: após uma ampliação dos empregos básicos no primeiro quinquênio (7,1%), a região perdeu nos dois quinquênios seguintes, em valores absolutos, vínculos empregatícios nos setores de exportação, mesmo com o aumento do emprego total, gerando um MEB negativo. Significa dizer que houve uma perda de postos de trabalho dos setores especializados para os setores não especializados da economia. A diversificação econômica da microrregião pode explicar essa dinâmica, já que União da Vitória passou de dois setores especializados em 2000 ( $QL > 1$ ) para cinco setores especializados em 2015, sendo a que mais se diversificou no período.

No outro extremo, a Microrregião de Curitiba foi a única a apresentar MEB maior do que 5,5 em todos os quatro períodos analisados, sendo que em três deles, o multiplicador foi superior a 7. Entre 2000 e 2015, cada emprego básico gerou 10,7 empregos em setores não básicos da economia nesta microrregião. Uma análise que pode ser realizada, refere-se ao fato de que a Microrregião de Curitiba possui alta especialização em 8 dos 11 setores agregados, estando sua economia fortemente direcionada para as exportações, com apenas três setores dependentes de importação: Agropecuária, Indústrias Extrativas e Indústrias de Baixa Tecnologia (IBT).

Para ampliar a análise e verificar a existência de possíveis relações, os dados do multiplicador de empregos foram comparados aos resultados do Método Estrutural-Diferencial (*shift-share*). Esses dados permitem identificar distintos fatores que atuam no dinamismo regional. Se forem os componentes estruturais os principais, essas pressões são de caráter exógeno. Da mesma forma, se os principais fatores forem os diferenciais, os motivadores do dinamismo econômico e produtivo da região são endógenos. A Figura 5 traz a variação diferencial e proporcional do emprego nas microrregiões paranaenses.

Figura 5 - Variação diferencial e proporcional (Shift-Share) das atividades econômicas das Microrregiões Paraenseses – 2000/2015



Fonte: Elaboração dos autores.

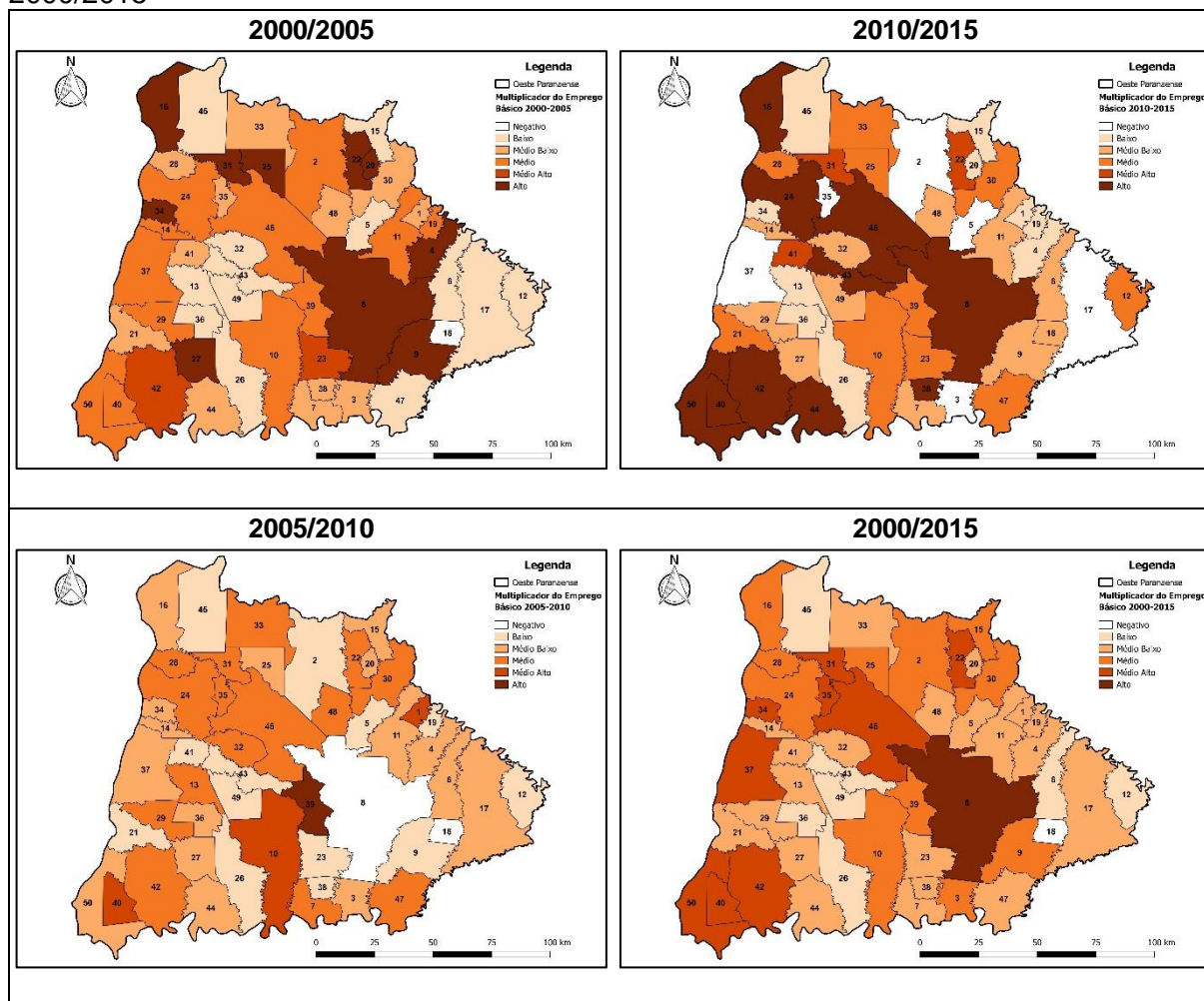
Para a Microrregião de União da Vitória, o período entre 2000 e 2005, foi o único em que houve aproveitamento exógeno, sendo este também o único período em que o MEB desta região se mostrou positivo, com alto acréscimo do emprego local induzido pelo crescimento do emprego básico, com a criação de 9,9 empregos locais para cada emprego básico criado. Nos demais quinquênios, bem como no período total, pode-se perceber que a Microrregião não aproveitou nem fatores endógenos, nem exógenos, para ampliar sua base econômica, fator corroborado pelo valor negativo do MEB para os mesmos períodos. Nesta situação, pode-se relacionar os resultados do MEB com os do *Shift-Share*, que conjuntamente mostram uma situação de internalização da economia nesta região, ou seja, com os empregos locais crescendo enquanto os dos setores de exportação diminuíram.

A análise do *Shift-Share* para a Microrregião de Curitiba também mostra resultados

coerentes com o MEB. O único período (2000-2005) em que a Microrregião não apresentou aproveitamentos de seus fatores endógenos e nem se beneficiou de movimentos exógenos macrorregionais, foi o único em que o MEB não foi Alto, mas sim Médio Alto. Nos demais períodos analisados, a microrregião observou aproveitamentos exógenos, sendo que entre 2005 e 2010, o aproveitamento foi também endógeno.

A Figura 6 traz os resultados do MEB para os municípios integrantes da Mesorregião Oeste Paranaense.

Figura 6 - Multiplicador do emprego básico para os municípios do Oeste Paranaense - 2000/2015



Fonte: Elaboração dos autores.

A dinâmica econômica apresentada pelos municípios nos períodos analisados é distinta daquela apresentada pelas microrregiões, principalmente considerando-se o aproveitamento dos setores de exportação para a geração de empregos locais. Entretanto, o

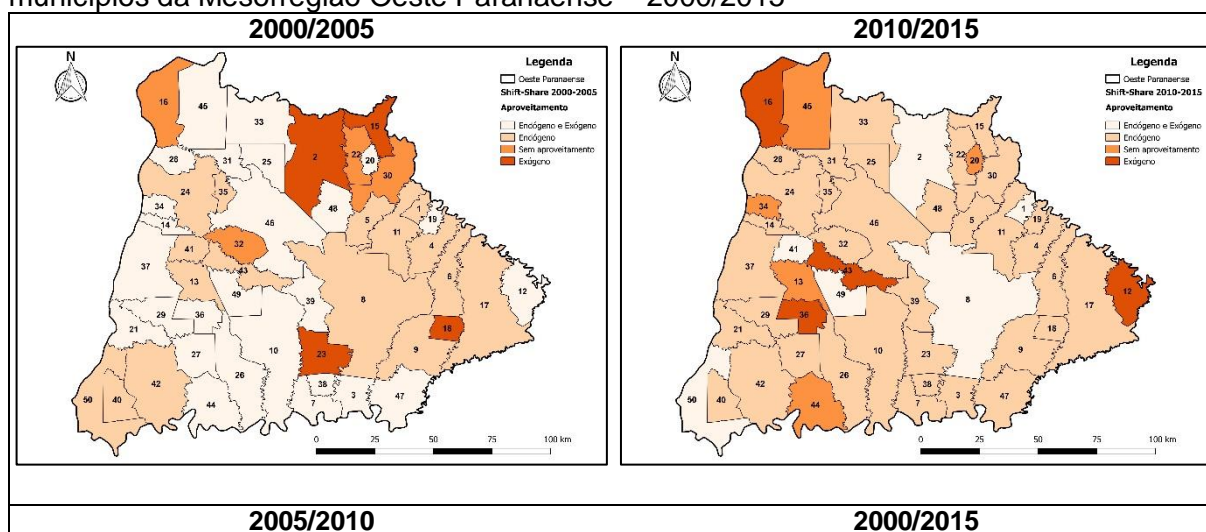


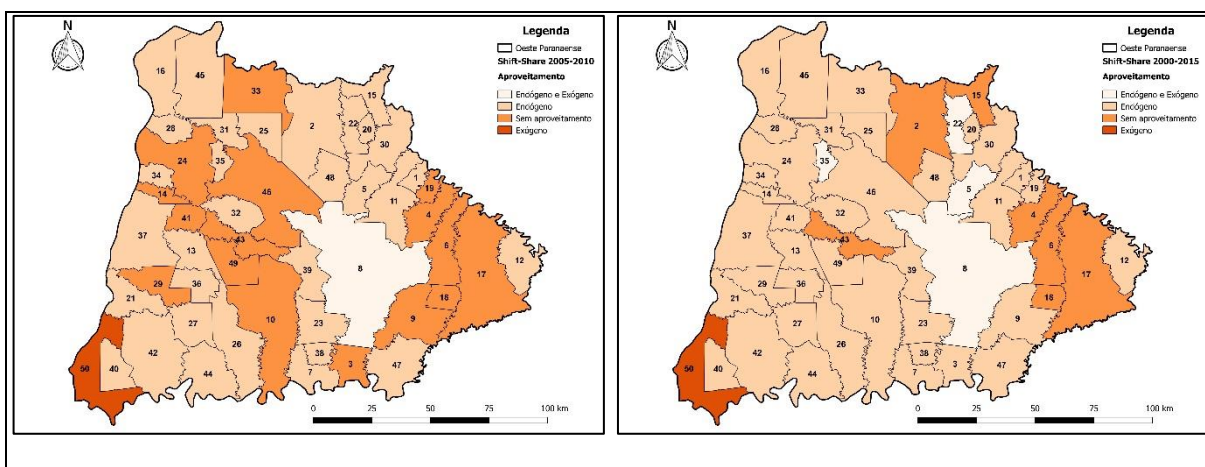
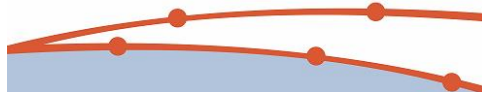
primeiro quinquênio foi o mais positivo, com apenas um dos 50 municípios (Ibema), apresentando declínio no número absoluto de empregos básicos.

Ainda, o município de Ibema foi o único a apresentar o MEB negativo para o período total (2000-2015), mesmo apresentando uma variação positiva do emprego básico no terceiro quinquênio, mas que não foi suficiente para recuperar o patamar do ano inicial: em 2000, o município contava com 374 vínculos empregatícios em dois setores de exportação (Agropecuária e IBT); no ano de 2015, mesmo apresentando, então, três setores especializados (Agropecuária, IBT e SPIC), empregava 369 trabalhadores nos setores básicos da economia. Novamente, assim como ocorreu com a microrregião de União da Vitória, a diversificação dos setores especializados não promoveu a ampliação dos empregos básicos e do MEB.

Ao analisar os resultados do *Shift-Share* para Ibema, apontados na Figura 7, observa-se que no primeiro quinquênio, o município apresentou aproveitamento exógeno que, entretanto, não foi suficiente para evitar que fossem perdidos vínculos empregatícios nos setores básicos da economia. Contudo, no período entre 2010 e 2015, único caso em que o município exibe um crescimento do emprego básico e, também, do MEB, Ibema favorece-se de fatores endógenos que acabam por impulsionar os setores de exportação, com a geração de 3,2 empregos locais para cada emprego básico criado.

Figura 7 - Variação diferencial e proporcional (*Shift-Share*) das atividades econômicas dos municípios da Mesorregião Oeste Paranaense – 2000/2015





Fonte: Elaboração dos autores.

O município de Cascavel também se destaca quanto ao MEB. Embora tenha apresentado aumento significativo do emprego total em todos os quinquênios, entre 2005 e 2010 o município perdeu 2.075 postos de trabalho nos setores básicos, correspondendo a 38,6% de redução, acarretando em um MEB negativo neste período. Mesmo mostrando recuperação do emprego básico nos períodos seguintes, Cascavel não recuperou em 2015 o patamar de vínculos, nos setores de exportação, que apresentava em 2005. Cabe ressaltar que o município de Cascavel, dentre os 50 municípios que compõem o Oeste Paranaense, é o que mais se assemelha ao Estado quanto a diversificação das atividades.

Quanto à análise diferencial proporcional para Cascavel, os resultados apontam um aproveitamento endógeno no primeiro quinquênio, quando o MEB indica a criação de 10,4 empregos locais para cada emprego básico que foi gerado no período. Novamente, observa-se para Cascavel o que ocorreu com Ibema, quando fatores endógenos favorecem os setores especializados. No quinquênio seguinte, o município perde setores especializados, quando comparados à especialização macrorregional, mesmo favorecendo-se se fatores internos e externos para impulsionar sua economia. A recuperação ocorre no quinquênio seguinte (2010-2015), com a economia ainda impulsionada por fatores endógenos e exógenos, o MEB atinge 8,4 empregos locais para cada básico gerado no período.

### Considerações Finais

Este artigo analisou comparativamente os dinamismos microrregionais do Estado do Paraná com os dos municípios do Oeste Paranaense, identificando as características



socioeconômicas, nos diferentes quinquênios, e como estas refletiram na geração e multiplicação de empregos para outros setores da economia destas microrregiões e municípios.

Partiu-se do princípio de que regiões mais diversificadas em suas especializações e bases de exportação são mais capazes de multiplicar empregos e possuir uma economia dinâmica, devido aos encadeamentos gerados pelo setor exportador e pela distribuição de renda e difusão do dinamismo para outros setores da economia.

Os resultados apontaram que, quando se analisam as microrregiões do Paraná, foi o primeiro quinquênio (2000-2005) o de maior concentração de microrregiões que apresentaram o MEB com resultados classificados como Médio Alto e Alto multiplicador, ressaltando o quando esse período foi o mais dinâmico do Estado dentre os anos analisados. Além disso, a Microrregião de Curitiba foi a única a apresentar MEB dentre os maiores em todos subperíodos analisados, sendo a microrregião mais multiespecializada do Estado. Os resultados do *Shift-Share* para a Microrregião de Curitiba ratificam esse dinamismo, principalmente a partir de fatores exógenos, o que pode ser explicado pela sua posição de capital e com maior integração com as regiões fora do Paraná, seguido pela microrregião de Londrina. O restante, no geral, o aproveitamento endógeno foi o mais significativo.

Por outro lado, nos municípios do Oeste do Paraná a dinâmica socioeconômica foi distinta daquela apresentada pelas microrregiões, principalmente considerando-se o aproveitamento dos setores de exportação para a geração de empregos locais. A característica convergente em relação ao comportamento das microrregiões foi em relação ao primeiro quinquênio que também foi o mais positivo. No Oeste Paranaense foi o município de Cascavel, o que mais se assemelhou ao Estado quanto a diversificação das atividades, mas a análise *Shift-Share* mostrou que esse município aproveitou tanto seus aspectos endógenos como os exógenos para essa diversificação. Nessa mesorregião somente o município de Foz do Iguaçu apresentou aproveitamento exógeno positivo. A explicação está em sua base de exportação, que é do turismo local, sem interações produtivas com o restante da economia regional. No geral, o restante dos municípios da região aproveitou sobremaneira suas características endógenas que se repercutiu em médios altos valores de multiplicador de emprego.

Dessa forma, foi possível constatar que houve uma relação entre as dinâmicas socioeconômicas das microrregiões do Paraná e dos municípios do Oeste do Paraná, com o impulsionamento dos setores exportadores destas regiões. O MEB também se apresenta bastante conexo ao *Shift-Share* para explicar essas dinâmicas, se qualificando como medidas



complementares de análise dos dinamismos diferenciados das regiões.

## Referências

ALVES, L.R. (2016a). Região, urbanização e polarização. In. PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P.H.C. *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu.

ALVES, L.R. (2016b). Especialização produtiva e desenvolvimento econômico regional. In. PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P.H.C. *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu.

ALVES, L.R. (2012). Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. In: Piacenti, C.A.; Ferrera de Lima J. (Org.). *Análise regional: Metodologia e indicadores*. Curitiba, Camões. p. 33-50.

IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. (2019). BDE – Banco de Dados do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/>> Acesso em Abril de 2019.

FERRERA DE LIMA, J. (2016). O espaço e a difusão do desenvolvimento econômico regional. In. PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P.H.C. *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu.

NORTH, D.C. (1961). Alguns problemas teóricos a respeito do crescimento econômico regional. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 3, p. 25-38, set.

NORTH, D.C. (1955). Location theory and regional economic growth. *The Journal of Political Economy*, Jun.

EUROSTAT. (2009). Science, technology and innovation in Europe. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities (Eurostat Statistical books). [https://ec.europa.eu/research/evaluations/pdf/archive/fp7-evidence-base/statistics/eurostat\\_-\\_science,\\_technology\\_and\\_innovation\\_in\\_europe.pdf](https://ec.europa.eu/research/evaluations/pdf/archive/fp7-evidence-base/statistics/eurostat_-_science,_technology_and_innovation_in_europe.pdf). Acesso em: Abril de 2019.

EUROSTAT. (2013). Science, technology and innovation in Europe. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities (Eurostat Pocketbooks). <http://ec.europa.eu/eurostat/documents/3930297/5969406/KS-GN-13-001-EN.PDF>. Acesso em: Abril de 2019.

PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P.H.C. (2016). *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu.

PIFFER, M. (2012). Indicadores de base econômica. In. PIACENTI, C.A.; FERRERA DE LIMA, J.; EBERHARDT, P.H.C. *Economia e desenvolvimento regional*. Foz do Iguaçu: Parque Itaipu.

PIFFER, M. (2009). *A teoria da base econômica e o desenvolvimento regional do Estado do*



*Paraná no final do século XX. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Santa Cruz do Sul.*

RODRIGUES, C.P.B.; ALVES, L.R. (2018). Setores de alta tecnologia e conhecimento: distribuição espacial e seu papel na reestruturação produtiva das microrregiões do Estado do Paraná, Brasil, entre 2000 e 2015. In: XVI Colóquio Ibérico de Geografia - Península Ibérica no Mundo: problemas e desafios para uma intervenção ativa da Geografia, Lisboa-PT.

RODRIGUES, C.P.B.; ALVES, L.R. (2017a). Análise espacial da distribuição das atividades econômicas no Oeste do Paraná após 2000. In: VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional – Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

RODRIGUES, C.P.B.; ALVES, L.R. (2017b). Análise Espacial da Distribuição das Atividades Econômicas no Oeste Paranaense entre 2000 e 2015. In: XII Encontro de Economia Paranaense (ECOPAR), Maringá, Paraná, Brasil.